

## PREFÁCIO

Acredito que um bom começo de prefácio seria trazer algumas titulações do autor da obra, António José Avelãs Nunes. Nesse caso, a tarefa não é tão difícil. O espaço seria pequeno, mas a tarefa não é difícil. Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Direito de Coimbra, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Alagoas, pela Universidade Federal do Paraná, pela Universidade Federal da Paraíba, Sigillo d'Oro da Università Degli Studi di Foggia, Membro Honorário da Academia Brasileira de Letras Jurídicas. Outros dados importantes sobre a vida desse querido professor podem ser encontrados no site da Universidade de Coimbra, onde está descrita a brilhante trajetória de sucessos e compromissos sociais e políticos do nosso autor<sup>1</sup>.

Ainda há que falar um pouco do autor, antes de cuidarmos deste livro, “Os trabalhadores e a crise do capitalismo”.

Tenho a honra de partilhar, nesses últimos anos, do convívio com esse excepcional professor. E, por algum motivo – talvez seja esse o motivo – fui indicado para escrever esse prefácio. Temos muitos amigos em comum, sempre que viajamos nos visitamos e, sempre que possível, ajustamos uma prosa. Portanto, esse privilégio deve estar consignado aqui como motivo de muito orgulho de minha parte. Sou amigo do autor. Simples assim.

Conheço bem a sua família e participo, vez ou outra, de alguma atividade culinária chefiada pelo autor deste livro. Mas talvez não seja o espaço certo de falar disso. Portanto, não vou falar dos inúmeros pratos de bacalhau preparados pelo autor, aqui e em Portugal, tendo esse assistente do Mestre, agora prefaciador, cortado cebolas e mais cebolas, tarefa própria do aprendiz. Nem tampouco devo falar da viagem organizada por ele para os Açores, quando conseguiu, sob a sua impecável organização, reunir quatro casais amigos em uma fantástica aventura<sup>2</sup>. Cada detalhe tinha a sua participação, de maneira que a viagem foi maravilhosa. Nem vou falar da colheita das peras perfumadas, em Celorico, tarefa para a qual fui designado. Associo o aroma das peras da propriedade do

1 Os dados biográficos e as atividades docentes e administrativas podem ser encontrados no sítio: [http://www.uc.pt/fduc/corpo\\_docente/pdf/anunes.pdf](http://www.uc.pt/fduc/corpo_docente/pdf/anunes.pdf)

2 Um dos membros desse grupo hoje é Ministro do Supremo Tribunal Federal, uma Desembargadora, o outro Professor Catedrático de Processo Penal, havia a nossa homenagem, e este aprendiz de cozinha e sua esposa, que puderam compartilhar de companhia tão agradável e divertida.

autor aos bons momentos de paz e tranquilidade que tive. Não posso falar tampouco das sardinhas na brasa (as brasileiras são diferentes, meu amigo; não posso mesmo). Acho que já é suficiente para revelar que, de forma orgulhosa, conheço o autor. E conheço, além do seu sucesso acadêmico, a família, os amigos e a casa.

Colaborei, mesmo que minimamente, na organização do *Liber Amicorum*, livro em homenagem ao nosso autor, editado pela Coimbra Editora, com participação de diversos autores de renome, amigos queridos do nosso prefaciado.

Particpei da avaliação dos Programas de Direito, conduzida pela Capes, tendo o autor como observador internacional. Foram três avaliações. Nunca deixou de dizer o que pensava, marcando a sua posição, sem qualquer constrangimento. Interferia, quando necessário, revelando a sua posição e o que achava da situação. E lembrava porque estava lá, ou seja, demarcava o seu território. E fazia isso de forma clara, leal e muito precisa. Todos respeitávamos seus comentários que sempre ajudavam na boa aplicação das normas.

Acredito que essas anotações já são suficientes pelo momento. Sou amigo do autor; e sou amigo de cozinhar junto com ele (imagino que o sagrado ato de preparar a comida não seja partilhado com qualquer um – risos). E de ir à *Festa do Avante*, comer sardinhas com ele.

Em nenhum momento nesses mais de quinze anos, vi o autor ceder, mesmo que minimamente, em seus princípios. Ao contrário, firme, apresentava a sua discordância, não importando o contexto e a situação. Sua enorme obra é resultado desse apego aos princípios. Não negociava, não transige. Sua posição é firme, clara e é parte de seus livros. Não foge do seu caráter. Autor e obra se juntam. Não há a menor chance de cisão. Seus livros são a exteriorização do seu pensamento, que é a sua alma. Clara, precisa, decidida.

A linguagem de seus livros sempre foi científica e muito cuidadosa. E, por isso, o sucesso acadêmico revelado em centenas (se não milhares) de conferências, homenagens, textos e capítulos.

A linguagem sempre foi sofisticada o suficiente para demonstrar o que pretendia. Acadêmico, seguia o método em suas exposições, sem transigir. Se ele não transigia, porque a obra transigiria?

Talvez, nesse momento, eu possa dizer (como amigo que cozinha junto), que tenha entendido porque o prefácio veio parar na minha mão. Claro, falaremos já da homenageada, a Profa. Dra. Aldacy Rachid Coutinho, que vem desenvolvendo uma obra muito clara e bem marcada de valorização do trabalho, procurando proteger o trabalhador contra a tendência de precarização do trabalho. Falaremos isso em seguida. Mas

acho que ainda falta falar um pouco mais dessa obra.

Quem conhece os trabalhos anteriores do nosso autor sentirá uma clara diferença: a linguagem. Não que o método tenha se alterado. Continua claro, preciso e impecável em sua demonstração. Traz toda a evolução da teoria econômica e, com elementos concretos, demonstra a desvalorização do trabalho, em nome do “mercado”. Traz exemplos desconcertantes do que é o mercado, as regras do mercado, enfim. E não para na afirmativa de que o processo está em marcha. Volta, retoma as bases do seu raciocínio, e desvela, escancara o projeto de precarização do trabalhador.

A diferença, desta vez, é a linguagem. Escreve em uma linguagem simples, direta, sem rodeios, de entendimento muito fácil. Parece que busca um leitor diferente, que não são os seus acadêmicos colegas, os alvos desta vez. Acho que mudou o alvo. Parece que esse Professor aposentado, que não se aposentou, esse revolucionário teimoso e persistente, está mudando. Não muda de idéias, que continuam contundentes, claras e irrespondíveis. Muda de estilo. Está suave, escreve de forma muito objetiva, simples. Nada contra os escritos anteriores, todos meritórios e brilhantes, como já dissemos. Alguma coisa, no entanto, mudou. O jeito de escrever está mais sedutor, quase um contador de histórias. Claro, em se tratando de Avelãs Nunes, a história está permeada de doutrina e doutrina crítica dura. Mas ele consegue mudar. Parece que está mirando em outro alvo. Não mais em seus colegas acadêmicos, não mais em seus alunos que durante anos reverenciaram as suas aulas (e com toda razão). Parece que há uma mudança no texto. Para quem escreve, esse Avelãs? Se o texto está mais leve, mais suave, mais envolvente, sem transigir em um ponto no seu conteúdo (como era de se esperar), o que mudou? Vamos arriscar dizer que o autor está se renovando. Está escrevendo para uma nova geração. Talvez cansado de escrever para os acadêmicos de seu tempo, que já se foram, que estão por aqui ainda, que já leram o que tinham que ler, que já conhecem a demonstração clara e inequívoca das idéias do autor. Talvez estivesse cansado de escrever para a geração seguinte, mais jovem do que ele. Talvez não seja cansaço, nem desilusão; apenas a constatação de que o dever já está cumprido (aliás, muito bem cumprido). E, cumprido o dever, já está se envolvendo com um novo dever, um dever de denunciar, de explicar, de revelar. E isso será para os mais jovens. Suas netas! Quem sabe, haja uma ligação clara entre esse novo estilo, suave, envolvente, mas marcante e determinado com um novo público. Algo inconsciente, não perceptível, de quem já cumpriu o seu papel,

denunciando a sua geração, a geração seguinte. Mas não se cansou. Pode ser que esteja “trocando” de geração. Os motivos? Não sabemos. Mas está evidente que o texto é outro, as idéias são as mesmas. E a inteligência do novo enfoque, na nova linguagem. Seu texto não perdeu absolutamente nada das características originais. Ele apenas se renovou, revestido de uma linguagem mais simples, mais acessível. O livro é quase um romance pela delicadeza com que apresenta as idéias, a evolução da economia política e o ataque aos direitos dos trabalhadores. No entanto, o tema não é suave (e nem poderia ser). Assim, a apresentação desse livro se limitará a identificar esse novo estilo de escrever, ou seja, essa nova busca de apresentação para o novo público, para o público mais jovem. Ele está escrevendo para a geração de suas netas (e tenho dúvida de que não esteja escrevendo para elas diretamente!). Assim, surge um novo autor. Firme nas idéias, novo no estilo. Suave, acolhedor; mas crítico e ácido nos temas de fundo (o lobo não perde o pelo).

Não saberemos se ele desistiu das outras gerações e está tratando de trabalhar para as novas; não saberemos se deu como cumprida a sua função de alertar, denunciar, criticar para os mais velhos e agora se dedica aos jovens, com a mudança do estilo. Uma coisa é certa: esse jovem escritor, com estilo suave, não deixa de denunciar, não deixa de apontar, não deixa de criticar. Traz na bagagem uma história, com muitos amigos, muito compromisso político, clareza de idéias e comportamento íntegro. E, ao buscar um público mais jovem, com um texto sedutor (mas tão comprometido como os anteriores), ele se renova, ele olha para a frente, reconhece a situação, as dificuldades, mas não desiste. Segue adiante, como deve ser. E mira nas netas, na geração das netas. Parte para as Inês, para as Marias e para as Catarina. Não abandona os anteriores. Mas não se conforma só com eles. Segue adiante, renova e se renova. Bom para todos nós. Inconsciente ou conscientemente, trata de mudar de público. Revela-se para as gerações novas, como deve ser. Um autor jovem, para um público jovem. Quem não conhece esse velho lobo, que “destroça” o inimigo com voracidade ímpar. Mas – reverenciando a vida e os novos – escreve suave, doce. E envolve um público jovem, que agradece o texto gostoso. Tudo inconsciente. Percebeu que precisa renovar, que o futuro é o novo. E é para o novo que escreve.

Chegou a hora de falar um pouco da homenageada pelo novo livro de Avelãs Nunes. Esse novo Avelãs Nunes, quase um novo autor, suave (mas direto e mortal na argumentação) encontra também uma professora doutora muito competente. Aldacy, como é carinhosamente

conhecida, desenvolve, em suas pesquisas, um trabalho minucioso. Cuida de estudar Economia, aplicando ao trabalho. Mescla o Direito, a Economia, mostrando índices, revelando situações que a análise corriqueira não permite. Essa autora parece que também se renova. E a fotografia tem um papel importante nessa mudança. Se o autor do texto mudou de público, a homenageada mudou de veículo. Usa a fotografia para demonstrar, provar, denunciar, trazer o escondido. Não bastasse o evidente talento ao tratar do Direito, do Direito do Trabalho colocado de forma crítica, ela se renova e adota um novo canal de divulgação de sua arte: a fotografia.

Aqui, encontramos um ponto em comum do autor e da homenageada. Ambos se renovam cada qual da sua forma. O autor, mudando seu estilo, mirando em um público mais jovem, enfrentando o desafio de escrever para a geração das netas; a homenageada, mantendo a linguagem do Direito, seus grupos de estudos, seus seminários, abre um canal de comunicação, registrando, instigando, criando e expondo sua crítica pela fotografia.

São dois jovens que cuidam de nos surpreender. Cada qual à sua maneira, entrelaçando seus destinos na renovação pela linguagem. Do autor, com novo objetivo, gente refrescada, jovem; da homenageada, pela linguagem certa, a fotografia, abrindo novas maneiras de dizer.

É bom ver processos de mudança entre amigos queridos. Mesmo que elas sejam sutis, mesmo que não sejam expressos, sejam discretos. Eles permitem ver o lado vital desses dois amigos: autor e homenageada.

Podem estar tristes, preocupados, agitados, decididos, angustiados, mas não perdem a vitalidade. Renovam-se.

E ratificam a grande amizade que tenho por eles.

Não percam a leitura, porque é um texto de jovem para jovens.

**Luiz Alberto David Araújo**  
*Professor Titular da PUC/SP*